

O VÍNCULO COM A FIGURA PATERNA E O DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM JOVENS DO SEXO MASCULINO

Trabalho elaborado para Conclusão de Curso
para obtenção do título de Psicólogo, no ano de 2007 na PUCRS (Brasil)

2007

Camila Piva Da Costa

Psicóloga. A concluir o curso de especialização em psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência no Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (Brasil)

Contacto:

camilapdacosta@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca identificar e aprofundar a relação entre a figura paterna e o possível desenvolvimento de uma dependência química. A pesquisa foi realizada em uma clínica psiquiátrica com jovens do sexo masculino, utilizando-se o método qualitativo. Observou-se fenômenos comuns entre os sujeitos, tais como: internação após recaída, influência do grupo, famílias desestruturadas, e principalmente a ausência da função paterna. Assim, evidenciou-se um papel decisivo da família e principalmente do pai como figura muito importante para prevenir a patologia e dar a continência necessária.

Palavras-chave: Dependência química, função paterna, família, internação

A Dependência Química, constituição familiar e a função paterna

Pesquisas recentes apontam que a dependência química é multifatorial, uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Para Kalina (1999) a adição é uma doença multideterminada, ou, em outras palavras, de etiologia múltipla, que, conseqüentemente, requer para seu atendimento tratamentos de abordagem múltipla e interdisciplinar.

Os fatores biológicos referem-se à questão genética que é própria de cada organismo, podendo apresentar genealogia positiva para dependência química, e vulnerabilidade

psicofisiológica ao efeito de drogas. Segundo Payá (2002) filhos de dependentes químicos apresentam risco aumentado para transtornos psiquiátricos, desenvolvimento de problemas físico-emocionais e dificuldades escolares. Dentre os transtornos psiquiátricos, apresentam maior risco para o consumo de substâncias psicoativas quando comparados com filhos de não-dependentes químicos, sendo que filhos de alcoolistas têm uma probabilidade de quatro vezes maior para o desenvolvimento do alcoolismo. Em relação ao desenvolvimento de problemas físico e emocionais, são predominantes: baixa auto estima, dificuldade de relacionamento, ferimentos acidentais e abuso físico e sexual. Na maioria das vezes, os filhos sofrem com uma interação familiar negativa e um empobrecimento na solução de problemas, uma vez que essas famílias são consideradas desorganizadas e disfuncionais (Halpern, 2002).

De acordo com esse autor, as particularidades psicológicas do indivíduo englobam as relações interpessoais que foram estabelecidas ao longo da vida, enfatizando a infância e a adolescência. Nessas duas fases, o contexto familiar está relacionado com a formação e o desenvolvimento da pessoa. Assim, famílias com conduta de drogas, com manejo inconsistente, ou até abuso físico, poderão propiciar um ambiente de facilidade para o comportamento da dependência.

As primeiras contribuições psicodinâmicas sobre a dependência química foram feitas por Freud. Ele relacionou a psicopatologia da mania e do humor com o alcoolismo e a embriaguez, oferecendo assim as bases para uma compreensão profunda das adições. Em seu estudo “O Chiste e sua relação com o inconsciente” (1904) referiu que o alcoolismo manifestava impulsos regressivos que permitiam acreditar que o álcool, não era já, primariamente, substituto de necessidades masturbatórias adolescentes, mas sim infantis. Apoiado nessas idéias, Freud pode afirmar que as origens da toxicomania devem ser procuradas na fase oral do desenvolvimento, podendo ser interpretada em termos de fixação oral.

A escola kleiniana tenta explicar a dependência química, enfatizando a importância da fuga à dor e da tentativa de escapar à depressão e ao que é sentido como persecutório. A idealização da droga adquire maior intensidade nos indivíduos que se encontram fixados ao seu objeto primário no nível que classicamente é designado como posição esquizoparanóide. Esta fixação seria devido a uma separação hostil da criança do seio materno. Assim, o adicto dificilmente ingressará na posição depressiva, pois com a droga ele tenta evitar cair nessa posição, sendo vivenciada por ele como uma perigosa incorporação dos seus aspectos dissociados, o que implicaria a desintegração total de seu ego (Kalina, 1999). Os mesmos autores ainda referem que podemos compreender o fenômeno de idealização da droga, sendo vista como uma forma de alcançar um prazer absoluto, tornando-se, assim, muito difícil para os dependentes químicos diferenciar a sensação fisiológica de prazer proporcionada pela droga e os prejuízos que ela lhe causa.

Em suas pesquisas, Vaillant (1980) concluiu que mães que proporcionam cuidados inadequados não aumentaram a chance de ter filhos dependentes químicos e que mães que proveram relações calorosas não tiveram menos dependência química do que os demais de sua prole. Tais achados contrastam com os relativos à figura paterna, pois claramente uma relação calorosa com o pai foi capaz de gerar menos dependência química, e inversamente, foi marcante a prevalência de abuso alcoólico entre aqueles que tiveram má relação com o pai. De acordo com o mesmo autor, a figura do pai é capaz de desempenhar uma função protetora quando “suficientemente bom”, ao mesmo tempo em que favorece o aparecimento de alcoolismo quando “insuficientemente bom”, principalmente nos casos em que ele é alcoolista. Neste caso, no entanto, mais pela questão genética.

Este achado, da importância do pai “insuficientemente bom” na gênese do futuro alcoolista, dá razão aos psicanalistas que chamam a atenção para o caráter transgressor do dependente químico, principalmente de drogas ilícitas, entendendo este, como um chamamento a figura paterna. Para Ramos (1996) o pai tíbio não favorecerá o trabalho de separação mãe-bebê, propiciando dessa forma a permanência do filho no narcisismo.

Podemos pensar que a figura paterna é uma das responsáveis pelo estabelecimento das regras, e da lei. Uma “falha” nessa função poderia comprometer aspectos importantes no desenvolvimento do indivíduo. A ausência da figura paterna impede que essas pessoas construam uma identidade masculina.

Pensando assim, o ponto de partida para entendermos a articulação entre a ordem social e a família é a proibição do incesto. Esta constitui, conforme Lévi - Strauss (1982), a regra universal que caracteriza a passagem do estado de natureza para o estado da cultura, à medida que nomeia o permitido e o proibido.

Segundo Roudinesco (2003), a família é um fenômeno universal presente em todos os tipos de sociedade, caracterizada por uma união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem, de uma mulher e de seus filhos. Portanto, é uma união entre um homem e uma mulher, isto é, um ser do sexo masculino e outro do sexo feminino, apresentando de um lado um vínculo de aliança (casamento) e do outro um vínculo de filiação (filhos). Lévi Strauss (1982) ainda acrescenta que a condição necessária para a criação de uma família seria a existência prévia de outras duas famílias, tanto do lado do homem quanto da mulher, onde irão criar, a partir do casamento, uma terceira e nova família. Roudinesco (2003) chama a atenção para diferentes abordagens do fenômeno familiar. A primeira, histórica ou psicanalítica, onde enfatiza os estudos das filiações e das gerações, insistindo na continuidade ou nas distorções entre pais e filhos, assim como a transmissão feita de uma geração à outra. A segunda visa uma comparação das alianças, enfatizando que cada família provém de determinada união, de duas outras famílias.

A mesma autora também refere, assim como Levi Strauss sobre a proibição do incesto para a constituição familiar. Podemos dizer que essa proibição está ligada a uma função simbólica, sendo um fato de cultura e de linguagem que proíbe em graus diversos os atos incestuosos justamente por esses existirem na realidade. A partir disso a família pode ser considerada uma “instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis de reprodução biológica” (Roudinesco, 2003 p.16).

Essa autora também distingue três períodos na evolução da família. Na primeira fase, a família considera-se tradicional, tem o objetivo de assegurar a transmissão de um patrimônio, os casamentos são arrançados entre os pais. Nessa fase a família vivência valores extremamente rígidos, em uma sociedade imutável e submetida a uma ordem patriarcal absoluta. Numa segunda fase, a família pode ser chamada de moderna, sendo fundada no amor romântico próprios da época, acaba também valorizando a divisão de trabalho entre os esposos, a autoridade não se mostra concentrada na figura masculina, o pai passa a dividir esse espaço com a mãe, iniciando assim, um novo um processo dentro da família. A última organização familiar dita “contemporânea” visa unir por um período relativo, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que diversas, separações e reestruturações familiares aumentam.

A atualidade contemporânea representa uma mudança significativa nas estruturas familiares, com o recasamento, as famílias monoparentais, dentre outras. Essa questão envolve todos os membros da família num movimento de criação, a família busca um novo espaço, uma nova perspectiva, uma articulação entre os membros, com a finalidade de construir um novo contexto familiar sólido, flexível, proporcionando as pessoas uma movimentação constante rumo ao crescimento. Nesse contexto o pai passa a ter uma distância física significativa. Assim, a educação como um todo, acaba concentrada na figura materna, ou tornando-se inexistente (Roudinesco, 2003).

Toda família apresenta algum conflito nunca resolvido entre dois tipos de vínculos: os de sangue e os de aliança. Esses parecem acompanhar todo ser humano em seu desenvolvimento, a partir do acesso à cultura, mediante o estabelecimento de alguma lei ou regra, na qual o paradigma é o tabu do incesto, sustentando a condição da estrutura familiar (Berenstein, 1991). Os vínculos de sangue referem-se ao parentesco biológico, genético, já os vínculos de aliança são aqueles onde o parentesco se forma por compromissos recíprocos, objetivos em comum. Na opinião desse autor, a aliança estabelecida na relação conjugal irá originar o parentesco através de vínculos de sangue e assim formam-se os subsistemas e o contexto familiar começa a se estabelecer. O parentesco reúne um conjunto de denominações com questões permitidas e proibidas.

Dentro desse ponto de vista Berenstein (1991) os considera como uma pura classificação de lugares e posições. Ele traz o conceito da função de indicação, que é considerada de extrema importância, pois realiza um ordenamento dos lugares e das posições, tanto na estrutura de parentesco como nos lugares intra-subjetivos de cada indivíduo com suas respectivas representações dos outros. “Indicar” para este autor, implica ter algum tipo de classificação que no caso, da estrutura familiar inconsciente refere-se ao lugar correspondente às denominações do parentesco. Além disso, “indicar” os contextos relaciona-se com a função de discriminação sendo algo de máxima importância a medida em que realiza a ordenação semiótica (significado) dos lugares e posições. A indicação inicial consiste em registrar aonde tem lugar o desejo. Esta indicação e todas as derivações dela podem ser enunciada pelos objetos parentais, mas, na realidade, é uma função específica do lugar e da função paterna, ainda que possa ser dita em seu nome pela mãe. “Para isso se requer que o pai esteja representado dentro de sua mente e que tenha uma representação de casal unida e com desejos de ter o filho com o qual, realizam a indicação” (Berenstein, 1990, p.112). A indicação paterna assinala seu próprio lugar como significativo e sucessivamente o lugar da mãe e do filho. Isto se relaciona com duas interdições: a primeira proíbe a mulher de permanecer vinculada a sua família de origem, e a segunda proibição dirige-se ao filho a medida que interdita o acesso genital à mãe (tabu do incesto).

Berenstein (1990), ainda aponta que o fracasso na função paterna resulta em uma forma de funcionamento aonde não há ausência de contradição, persistindo o simbolizado no lugar do símbolo, o que significa a falha na capacidade metafórica da linguagem e nas posições de parentesco. Apoiados nesses conceitos poderiam pensar que o fracasso dessa função propicie uma relação distante e conflitada entre pais e filhos. O pai pode abster de seu lugar e de sua função não servindo como um modelo de identificação para o filho. Não criando uma relação consistente, onde se possa criar espaço para estabelecer a aquisição de limites, que são essenciais para um bom desenvolvimento do indivíduo.

Berenstein (1990) também define brilhantemente as características dos lugares de parentesco, classificando o lugar da mãe, do pai, e do filho. Onde, o lugar da mãe: implica na função de dar vida material e emocional ao filho, investi-lo narcisicamente, transmitindo a noção de uma presença externa ao vínculo dos dois, que no processo de desenvolvimento dirá respeito ao lugar do pai; o lugar do pai podemos dizer que é dá conta da função de indicação dos contextos para cada vínculo, mantendo os parâmetros definitórios de cada relação sempre que isso se fizer necessário, é porta voz da dimensão sócio cultural, enquanto que a mãe é o porta voz dos desejos parentais dentro da família, cabe ao pai também aceitar o lugar de exclusão no início da relação da mãe com o filho para ir se introduzindo no momento que se fizer necessário; o filho também é posto em um lugar de renúncia da sexualidade infantil, na busca para constituir um novo vínculo.

Para Kalina (1999) a família é co-geradora do fenômeno aditivo, onde existem adictos, encontramos famílias nas quais, qualquer que seja a configuração que tenham, estão presentes a

droga ou os modelos aditivos de conduta, como técnica de sobrevivência por um ou mais membros deste grupo humano. Muitas vezes, o paciente identificado (dependente químico) representa uma disfuncionalidade da família, ele traz consigo todos os conflitos familiares que passam a ser representados por ele, sendo uma forma de “mascarar” todas as dificuldades que estão presentes no contexto familiar.

Pensando mais especificamente na função paterna, Roudinesco (2003) refere que o pai dos tempos arcaicos é a encarnação familiar de Deus, verdadeiro rei, senhor das famílias, herdeiro do monoteísmo, reina sobre o corpo das famílias e decide sobre os castigos impostos aos filhos. Já no direito romano pai é aquele que se designa a si mesmo como pai de uma criança por adoção, que conduz pela mão, sendo a filiação biológica, totalmente desconsiderada. Já o cristianismo impõe o primado de uma paternidade biológica à qual deve obrigatoriamente corresponder uma função simbólica. Ainda de acordo com esse autor, toda essa questão cultural e histórica, que define as particularidades sobre o conceito de paternidade, deve considerar a figura do pai como alguém que irá realizar uma nomeação e uma transmissão de sangue ou da raça. É delegado ao pai um ideal de dominação que lhe permite afastar sua progenitura da besta, da animalidade, do adultério e do mundo dos instintos, encarnado pela mãe.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001) a expressão “complexo de Édipo” só aparece nos escritos de Freud em 1910. Ele define como sendo um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais, onde a criança deseja a morte do rival, que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual pelo genitor do sexo oposto. Em Freud (1913) a obra “Totem e tabu” mostra o caráter fundamental do complexo de Édipo através do assassinato do pai primitivo considerado como um momento original da humanidade. Esse conceito fundamenta-se na culpa que o indivíduo sente ao desejar o genitor do sexo oposto, e rivalizar com o do mesmo sexo.

Segundo Jung (apud, Kauffmam (1996), também tratou sobre a significação do pai para o destino do indivíduo. Ele mostra-se o primeiro a conferir um papel essencial à paternidade e às suas vicissitudes. Jung entende por paternidade o modelo herdado da linhagem ancestral, segundo o qual se determina a figura efetiva e crucial do pai. Após essa publicação, Freud demonstrou interesse pelo assunto, buscando compreender melhor a figura paterna. Assim, em 1913 em “Totem e tabu” ele considerará essa dimensão do problema numa perspectiva filogenética. No entanto, em relação, a ontogênese individual, em que a análise de Schreber apresentada por Freud em 1911, nos provoca a pensar como ocorre uma fixação homossexual na medida em que esse pai foi para ele mesmo um objeto de amor, um objeto libidinal. Refletindo sobre essa questão, podemos considerar as posições de Freud e Jung bastante contrárias em relação à posição atribuída ao objeto na definição da libido. A libido freudiana percorre todas as posições que o objeto mostra-se capaz de ocupar, numa série cujo primeiro momento é dado pela “primeira presença provedora”. A libido junguiana é dessexualizada, ela se identifica com a

energia de uma existência singular que se realiza no mundo, estando excluída toda busca de objeto.

Apoiado pelas idéias de Freud, Lacan introduziu a função de uma metáfora do “Nome do pai”, conferindo ao pai certa espécie de transcendência, e é esse o título que ele é chamado a se constituir no Outro. Essa metáfora paterna propôs, primeiramente, justificar a função do Complexo de Édipo e de seu fim, descrito por Freud como complexo de castração. Assim, o autor explica como o pai se torna portador da lei, ressaltando que nenhum pai seja ele real ou imaginário, está a altura da função. Nenhum pai é capaz de exercê-la plenamente, pois se trata da lei simbólica, isto é, da própria lei do significante, e do pai simbólico há apenas traços no discurso (Lacan, 2002).

Em 1938, em “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (2002) ressalta que a questão trazida por Freud não é somente regulada pelo assassinato do pai da horda primitiva perpetrado por seus filhos (mito freudiano exposto em “Totem e tabu”), onde nesse mito era ao mesmo tempo, observava ele, uma petição de princípio e um salto no real. Ele define a função paterna como instauradora da lei simbólica, por uma escrita significante fundada na escrita da metáfora. O autor ainda traz a existência do pai simbólico, onde ele é o significante ou um dado irredutível do mundo significante. Trata-se, portanto, de uma metáfora, onde alguma coisa no discurso concreto em que o sujeito se constitui “comporta alguma coisa que corresponde a essa função ou não” (Lacan, 2002 p.86).

Outra questão que Lacan aponta é a impossibilidade do pai em interditar a pulsão sexual real (conforme Freud postulou quando introduz o Complexo de Édipo). O agente real pronuncia uma lei cujo objeto é imaginário, o que quer dizer que ele intervém aqui como frustrador. No tempo adequado ele irá preferir a mãe e haverá identificação do ideal com o pai. Lacan (2002) ainda afirma que o pai quando satisfaz a exigência de seu papel, interfere na díade mãe-filho, promovendo o acesso à ordem simbólica, organizadora da linguagem. Após essas observações podemos pensar que a ausência de um pai vigente que proponha valores precisos e consistentes pode de alguma maneira, promover uma permissividade na relação familiar.

Já de acordo com Winnicott (1978) o papel continente do pai, no estabelecimento de limites e no controle da agressividade, é dado em um exemplo clínico do “uso do objeto”. O autor descreve assim a análise de um homem: “...Seu sofrimento se devia a uma reação ante um ambiente cuja dificuldade se devia a um pai débil e uma mãe forte. Seu pai não lhe possibilitava o controle da agressão e a mãe é quem devia fazê-lo, de modo que se viu obrigado a usar a violência da mãe, mas com o colorário de ver-se impossibilitado de usar a mãe como refúgio...” (Winnicott, 1978, p.66). Esse mesmo autor destaca a importância que confere na situação edípica, à libidinação da figura paterna, e ao mecanismo de repressão. Ele declara a importância do monoteísmo como conseqüência universal do amor ao pai e à repressão a que este sentimento é submetido. Ele contraria Freud no momento que o adverte que nem todas as pessoas chegam ao

Complexo de Édipo, pois não avançam até este ponto de seu desenvolvimento emocional e, por fim, a repressão da figura paterna libidinizada tem escassa relevância para eles.

Com base nisso, o objetivo desse estudo, baseia-se em analisar a correlação entre o exercício da função paterna e o desenvolvimento da dependência química em jovens do sexo masculino usuários de múltiplas drogas (lícitas e ilícitas). Como também, Analisar como se dá a instalação das normas e regras no contexto familiar dos jovens dependentes químicos masculinos usuários de múltiplas drogas, além de verificar qual a posição dos jovens usuários de múltiplas drogas em relação às figuras primárias. E por último verificar a forma como os dependentes químicos percebem a relação com seu pai.

Método

O método utilizado na pesquisa foi o método qualitativo, pois se trata de um assunto complexo ligado a subjetividade do indivíduo e necessita de um maior aprofundamento. Para Nunes (2000) a pesquisa qualitativa pretende examinar as questões de pesquisa de forma mais aberta, profunda e abrangente, tendo o objetivo de compreender os fenômenos em complexidade e de forma mais detalhada.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram dez jovens do sexo masculino, com idade entre vinte e trinta anos, dependentes químicos de múltiplas drogas (lícitas e ilícitas como: álcool, maconha, cocaína e crack). Esses eram internos de uma unidade masculina de dependência química de uma Clínica de Porto Alegre.

Instrumento

Os dados da pesquisa foram coletados através de uma entrevista semi-estruturada que foi gravada e posteriormente transcrita, com a autorização dos participantes. A opção pela entrevista semi-aberta teve como objetivo possibilitar uma maior liberdade para o participante incluir e formular novas questões que tornam o material mais rico e completo.

Procedimentos éticos

Durante toda a pesquisa foram aplicados todos os princípios éticos de autonomia, beneficência, e não maleficência. De acordo com Conselho Nacional de Saúde (1996) por tratar-se de uma pesquisa que envolve seres humanos, estes foram previamente informados de todos os procedimentos, e de seus objetivos através do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

As questões éticas foram rigorosamente respeitadas no que se refere aos dados colhidos através das entrevistas gravadas e os materiais ali contidos, bem como a identidade dos participantes.

Procedimentos para coleta e análise dos dados

Para a coleta dos dados, foi marcado horário com os participantes, primeiramente para explicar os objetivos da pesquisa e posteriormente aplicar a entrevista.

após essa etapa, os dados coletados na pesquisa foram contemplados pela análise de conteúdo de Bardin (1979), pois utiliza etapas detalhadas para descrever e interpretar as mensagens textuais visando atingir uma compreensão mais aprofundada.

Resultados e Discussões

Após a coleta dos dados (entrevistas semidirigidas) foi possível identificar fenômenos comuns entre os sujeitos, tais como: internação após recaída, influência do grupo para o uso de drogas, famílias desestruturadas, e ausência da função paterna.

Apesar desses achados, estamos de acordo com Oxford (apud Griffith, 1994) que qualquer tentativa de síntese enfrenta complexidades quando se deseja definir dependência. Conforme o autor, devido à existência de diversos determinantes para o entendimento da dependência, na área de estudo do comportamento humano, e devido a sua importância, seu estudo é de suma relevância: “Se soubermos como alcançar uma síntese no caso da dependência, teremos dado um grande passo à frente no sentido de chegar a uma integração no estudo do comportamento em geral” (p.252).

Esse mesmo autor complementa que podemos ver a dependência química como consequência de uma busca, da satisfação de um desejo, no nosso caso, um desejo humano sem medida, restrições, barreiras e/ou limites de se consumir algum tipo de substância psicoativa em busca de um prazer. O que pode ser verificado em nossa pesquisa com verbalizações como:

“Essa droga é uma coisa que te domina, tu esquece de tudo, só pensa no prazer dessa bendita porcaria” (entrevistado masculino, 21 anos).

“Quando eu vejo não consigo parar, droga muito pesada é assim, não tem como largar, dá muita vontade”(entrevistado masculino, 25 anos)

“Nunca vi nada que dê tanto prazer, ta certo que chega uma hora que a gente nem sente mais, mas no início ela te faz se sentir bem. Hoje eu não consigo ficar sem” (entrevistado masculino, 21 anos).

A maioria dos sujeitos da pesquisa realizou a internação contra a sua vontade, pois não estavam dispostos a abrir mão da situação de prazer proporcionada pelas drogas e também não tinham uma dimensão da situação de empobrecimento e de perdas que sua dependência química vinha acarretando. Somente para um dos entrevistados o reconhecimento dessas perdas tornou-se o fator desencadeador para a internação, conforme verbalizações:

“Eu perdi várias coisas, amigos, namorada, mas na real o que fez eu vir aqui foi o acidente de carro que quase morri, foi um susto. Voltei bêbado de uma festa e dei de frente em um poste...” (entrevistado masculino, 26 anos). Ou então, *“a minha mulher me obrigou a vir, a coisa tava demais, não deu pra segurar e agora casado ela acaba me exigindo mais, até no nosso casamento ta refletindo, não há nada que resista a droga”* (entrevistado masculino, 25 anos).

Para Vasconcellos (2001), o sujeito que depende do uso de substâncias psicoativas vive numa relação totalitária com a droga, relação esta que prejudica toda as outras que ele possa estabelecer, inclusive na esfera social, orgânica, econômica e profissional. Em nossa pesquisa todos os entrevistados recaíram no uso de drogas e por isso necessitaram de contenção externa, buscando assim, a internação.

Neves (1990) conceitua recaída como a interrupção ou o uso de droga, no período no qual dependente se lança na abstinência, e ele é levado a fazer uso por uma forte compulsão. Com base nisso, em nosso estudo, foram identificados alguns elementos que faziam parte do contexto da recaída: baixa auto-estima, conflito com a família, pressão do grupo de iguais, e sentimento de solidão, o que pode ser exemplificado nas seguintes declarações:

“... Tive a recaída, porque andava meio para baixo, com problemas muito cascas na minha família, daí andava com os guris pela rua, deu só uma festinha e já era...” (entrevistado masculino, 21 anos).

“... Eu tava lá no agito do verão com os caras, daí não teve como segurar, e a droga é muito pesada, não deu pra segurar...” (entrevistado masculino, 25 anos).

“Quando eu ficava mal, chateado com alguma coisa eu usava, parecia que não dava para agüentar o problema daí eu ‘fumava um’”. (entrevistado masculino, 21 anos).

Knapp (1994) afirma que o papel de modelagem do grupo sobre o indivíduo parece ser um importante fator causal de uso, tanto pela pressão do grupo quanto pela carência de relacionamentos grupais. Na maioria das vezes, a família pressiona para que eles busquem ajuda externa e se retirem do ambiente propício ao uso de drogas.

O filósofo alemão Nietzsche (apud, Ferreira, 1998) aborda a questão do “existir”, servindo com paradigma para uma das possíveis razões etiológicas para a drogadicção. Segundo esse autor, a existência só é possível graças ao aparelho de falsificação, onde todos esses fenômenos encobrem a forma de assimilação que pressupõe uma vontade de tornar uma coisa idêntica a nós. Assim, podemos pensar que esse aparelho de falsificação poderia ser uma das razões da inserção da droga na vida do jovem adicto, sendo uma existência penosa demais para ser vivida, exceto quando falsificada. Ferreira (1998) também entende isso como uma tentativa, desesperada, de compensar déficits de funcionamento egóico, representando um movimento no sentido de elevar a auto-estima e buscar um alívio prazeroso, ainda que fugaz, para seu sofrimento psíquico.

Em relação à questão familiar observa-se que esses jovens apresentam relações bastante conturbadas com suas famílias, principalmente com as figuras primárias, percebe-se a confusão de papéis dentro da família, não mostrando-se claro a função de cada membro dentro do núcleo. Com isso os jovens apresentam um déficit no processo identificatório que tende a ser compensado pela dependência do grupo posteriormente a dependência à droga, conforme as verbalizações:

“Meus pais são separados desde cedo, não vejo meu pai e vivo brigando com a minha mãe, vivo saindo de casa” (entrevistado masculino, 21 anos).

“Eu sempre morei com minha avó, meu pai morreu e minha mãe não se preocupa com nada, quem sofre comigo por essas coisas de droga é a avó” (entrevistado masculino, 25 anos).

“A minha mãe não dá para aturar, ela tenta me controlar, mexe nas minhas coisas, ta sempre querendo saber de tudo, a gente bate de frente” (entrevistado masculino, 26 anos).

“O pai não mora aqui, ele mal sabe que eu existo, a mãe que me ajuda e fica comigo” (entrevistado masculino, 21 anos).

Segundo Osório (1996), a família possui funções que são essenciais ao desenvolvimento do indivíduo, além de serem indispensáveis umas as outras. Não se pode prescindir de qualquer das três funções, a saber: a biológica, a psicológica, e a social. A função biológica refere-se à sobrevivência, aos cuidados primários. As funções psicológicas e sociais inscrevem sua importância sobre a construção emocional e sobre processos interativos, promovendo a transposição de crises e a preparação para o exercício da cidadania. O déficit no exercício dessas funções pode acarretar incapacidade de conviver e lidar adequadamente com situações de conflito, o que acaba se constituindo em fatores de impedimento para a individuação e autonomia dos membros da família.

O mesmo autor complementa que a ausência de limites claros e carência de atitude continente dentro da família podem deixar o jovem muito mais influenciado pelo seu grupo de iguais. As atitudes paternas têm mais influência sobre o uso ou não de drogas, enquanto as pressões grupais afetam o padrão de uso.

Em relação a esse ponto, verifica-se na atualidade um ponto de contradição entre pais e filhos em função de informações desencontradas e, às vezes alarmistas, e torna-se de maior credibilidade o conhecimento adquirido através do grupo de iguais.

Halpern (2002) refere que há problemas físico-emocionais predominantes que impulsionam os sujeitos a buscarem a droga, dentre eles estão: baixa auto-estima, dificuldade de relacionamento, ferimentos acidentais, abuso físico e sexual. Na maioria das vezes, os filhos sofrem com uma interação familiar negativa e um empobrecimento na solução de problemas, uma vez que essas famílias são consideradas desorganizadas e disfuncionais. O mesmo pode ser observado em relação à família dos entrevistados, onde verificou-se que maioria deles apresentava inúmeros conflitos familiares, bastante graves, incluindo doenças, violência, morte, etc.

“Minha irmã teve depressão e tentou o suicídio, foi bem complicado na minha família” (entrevistado masculino, 26 anos). Já outro entrevistado, conta de alguns episódios que vivenciou em sua infância:

“Meu pai e minha mãe viviam brigando, ele até me seqüestrou dela com quatro anos. Ele até batia na gente, sempre partia para a ignorância” (entrevistado masculino, 21 anos). Ou então, *“com a família assim, toda atrapalhada eu acabo me sentindo mal e usando mais drogas, eles mais me atrapalham do que ajudam. Sei que estraguei meu relacionamento com todo mundo por cauda da droga, eu afastei eles, eles se afastaram de mim.”* (entrevistado masculino, 21 anos).

Durante a internação a minoria dos pacientes consegue refletir sobre sua dependência, perceber a necessidade da mudança interna e externa, realizando um inventário de metas. Foi perceptível que muitos deles ficam ansiosos para o momento da alta e não refletem sobre suas questões, conforme as verbalizações:

“To me sentindo muito mal está sendo uma tortura ficar aqui, ainda mais trancado, não vejo a hora de ir embora” (entrevistado masculino, 26 anos).

“Vou tentar fazer diferente, né? Não sei bem o que fazer, mas quando eu sair eu vejo, agora to a fim de ir embora, já to aqui faz muito tempo” (entrevistado masculino, 21 anos).

Em relação à figura paterna, uma das questões que foi evidenciada refere-se ao fator hereditário para o uso de álcool e drogas, percebida na maioria dos entrevistados. Um dos entrevistados conta que seu pai já falecido foi alcoolista durante muitos anos:

“Eu sei que ele era... sempre teve histórias do pai, mas acabei não presenciando direito porque morava com a avó” (entrevistado masculino, 25 anos).

Outro entrevistado também afirma que muitas pessoas de sua família apresentam problemas com substâncias psicoativas - inclusive seu pai:

“Meu pai é alcoolista, diz que está limpo faz quatro anos, mas duvido, ele sempre vai beber em barzinho com amigos, como se fosse socialmente, quem já ficou limpo não pode nunca mais fazer isso” (entrevistado masculino, 21 anos).

Tais falas confirmam a idéia de Payá (2006, apud West, 2002), de que filhos de dependentes químicos apresentam risco aumentado para transtornos psiquiátricos, desenvolvimento de problemas físico-emocionais e dificuldades escolares. Dentre os transtornos psiquiátricos, apresentam maior risco para o consumo de substâncias psicoativas quando comparados com filhos de não-dependentes químicos, sendo que filhos de alcoolistas têm uma probabilidade de quatro vezes maior para o desenvolvimento do alcoolismo.

Outra questão observada na pesquisa refere-se à falta do pai, exercendo a função paterna, como uma figura presente e determinante no desenvolvimento desses jovens. A maioria deles apresenta uma relação difícil, ou distante com seus pais, sendo que a maioria deles não conviveu com o pai nos primeiros anos de vida.

Segundo Costa & Katz (1992), há necessidade da distribuição de papéis na família: identificam a mãe como representante do princípio do prazer, satisfazendo todas as necessidades indispensáveis à preservação e seu desenvolvimento, e o pai só mais tarde torna-se alvo de seu interesse, indicando esta ampliação o primeiro passo em direção ao princípio de realidade ou, como lembrou Freud em 1970, uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade. Assim, para que a criança prossiga em seu desenvolvimento também necessita dos braços do pai para puxá-la do colo da mãe e evitar o prolongamento possível da dependência materna. Esta segunda identificação parental vai servir de base para a consolidação do sentimento de autoconfiança, o qual resulta da internalização, em separado, da primitiva relação mãe-filho, da relação pai-filho e da conflitiva relação triangular edípica que só é possível com a presença real do pai.

Os jovens entrevistados na pesquisa não demonstraram identificação com seus pais, esses permaneceram distantes, mesmo estando em presença física, não participaram da relação mãe-bebê, não instaurando o corte, o limite, o princípio de realidade, o que pode ser visto nas falas como:

“Meus pais são separados desde que eu tinha quatro anos, ele conheceu outra mulher e se mandou, nem convivi com meu pai direito” (entrevistado masculino, 21 anos), ou então, *“meu pai é light, não me cobra, não dá ordens, ele fica na dele e não se mete nas coisas”* (entrevistado masculino, 26 anos).

Outro ainda relata que: *“Faz uns sete anos que o pai morreu, mas eles já eram divorciados antes, eu não convivia com ele, ele também não me incomodava porque eu ficava sempre na minha avó”* (entrevistado masculino, 25 anos).

Ruff & Korchinb (apud Costa e Katz, 1992, p.66) levantam hipóteses, em suas pesquisas, de que os indivíduos cujos pais desempenham adequadamente suas funções, provavelmente consigam adquirir na vida adulta o tão almejado sentimento de autoconfiança. Foi perceptível nas entrevistas que a maioria dos jovens não apresentam esse sentimento interno, necessitando da droga para sentirem-se aceitos, para buscarem preencher um vazio, alcançar um prazer sem limites.

A partir dessas idéias percebe-se a importância da figura do pai para o desenvolvimento desses jovens. Costa & Katz (1992) definem a “privação paterna” como sendo a ausência ou inadequação das funções do pai nesse processo de desenvolvimento emocional da criança. Através desse conceito, é importante enfatizar que, sem um pai presente e ativo, dentro de suas específicas funções, é difícil que um indivíduo possa sentir-se independente, autêntico e valorizado em sua condição de homem e que consiga estabelecer relações interpessoais satisfatórias, principalmente com o sexo oposto.

Os pais dos entrevistados eram pessoas vistas à distância, nunca foram figuras presentes na vida dos filhos. Um deles delegou sua função para a mãe, sendo reconhecido pelo filho como uma pessoa tranqüila, que não contraria nada, “não incomoda”. Um dos entrevistados conta que:

“... A coisa com a minha mãe nunca foi das melhores, ela vive me cercando, me controlando, a gente bate de frente... já com o pai é uma tranqüilidade, cada um fica na sua, eu peço o que eu quero, e ele dá” (entrevistado masculino, 26 anos).

Para outro jovem a relação com o pai revelou-se violenta e problemática, não sendo possível demonstrações de continência e apóio. Ele diz que o pai sempre foi bastante agressivo, egoísta, que busca moldar as pessoas e transformá-las no que ele deseja.

Já para outro jovem, o relacionamento com seu pai também foi distante pelo falecimento do mesmo, e pela avó ter assumido seus cuidados desde muito cedo. “Eu não via muito ele, mas sei que era uma pessoa boa, não tenho nada de ruim para falar dele, mesmo antes deles se separarem sempre fiquei com minha avó, ela que me criou” (entrevistado masculino, 25 anos).

Nas entrevistas podemos observar que na maioria dos casos, o pai se abstém de seu lugar e de sua função, ou transfere esse papel para a mãe, ou permanece distante do filho, não se colocando como um modelo. Os pais desses jovens não ocupam seus lugares, não se colocam como um porta-voz da ordem social, não instituindo o corte necessário no início do desenvolvimento.

Atualmente, observa-se na sociedade contemporânea grande carência de vínculos emocionais significativos entre pais e filhos, o que dificulta ainda mais o exercício dos papéis.

Em decorrência disso, muitos transtornos e muitas dificuldades podem ser determinados pela privação paterna. Costa & Katz (1992) revelam que se observam inúmeros conflitos comportamentais devido a privação paterna, dentre eles: promiscuidade, homossexualismo, e a adição às drogas e o alcoolismo.

Este achado, da importância do pai “insuficientemente bom” na gênese do futuro alcoolista dá razão aos psicanalistas que chamam a atenção para o caráter transgressor do dependente químico, principalmente de drogas ilícitas, entendendo este, como um chamamento à figura paterna.

Foi observado na pesquisa que todos os dependentes químicos demonstram comportamento transgressor, envolvendo-se em situações de risco. Um deles envolveu-se em um acidente grave com risco de vida tanto para ele como para outras pessoas. Dois deles passaram a frequentar lugares perigosos, e envolver-se com traficantes e criminosos, se expondo a situações de extremo risco.

É perceptível a dificuldade desses jovens em lidarem com situações de conflito, parecem não suportar nenhum tipo de situação, necessitando buscar o alívio, a solução dos problemas no prazer da droga. Não demonstram consistência em seus processos internos, são jovens extremamente sozinhos, com baixa auto-estima e que, acabam não acreditando e não desenvolvendo seu potencial.

Novamente em relação à função paterna percebe-se que esses pais não exercem a função paterna, não participando e enriquecendo a vida de seus filhos. A maioria deles permanece passiva em relação ao estabelecimento de regras e limites.

Winnicott (1982) refere ser o pai o ser necessário para dar à mãe apoio moral, ser um esteio para a autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança. Ele complementa a importância de os filhos terem a experiência de conviver e conhecer seus pais como seres humanos, até o ponto de os descobrirem.

Apoiado nisso percebe-se dificuldades da figura do pai em assumir-se como figura de autoridade. Isso significa exercer seu papel para assim instituir nos jovens a noção de limites e contrariedade, facilitando com que eles se posicionem em situações de conflito e consigam lidar melhor com suas frustrações.

Considerações Finais

Ao longo da apresentação e discussão dos resultados foi possível identificar algumas questões pertinentes aos objetivos desse trabalho. A realização dessa pesquisa propiciou uma

maior clareza sobre o desenvolvimento da dependência química em jovens do sexo masculino e como a família, em especial, o pai pode prevenir ou contribuir para a aquisição da mesma.

Observou-se que o ambiente familiar dos jovens dependentes químicos é bastante conturbado, pois os membros da família parecem não exercer seus papéis no núcleo familiar. Além disso, mostram manejo inconsistente nas situações de conflito, não estabelecendo limites claros e coerentes.

Fica evidente que o déficit na função paterna no que diz respeito, essencialmente, em promover a retirada da criança do estado fusional imaginário com a mãe, circunscrevendo o universo do proibido e do permitido, tem consequências catastróficas. Em geral, tem-se a pensar que o déficit ambiental recaia sobre o déficit da função materna, neste caso, dar a devida dimensão da ausência da função paterna, fornece indicadores importantes para se pensar estratégias de intervenção que tenham o caráter de prevenção.

Elementos importantes da pós-modernidade tais como: facilidade do rompimento do vínculo matrimonial e a rápida reorganização de novas famílias têm dificultado de forma evidente que a função de indicação, conforme descrita por Berenstein (ANO), que diz respeito à organização de posições e de funções na estrutura familiar, tenha se tornado precária ou inoperante. Vale reforçar a noção de que tal função de indicação é pertinente à função paterna e que cabe ser sustentada pela mãe. Isso circunscreve a possibilidade de um indivíduo se inserir no universo simbólico e de construir significados. E esta é justamente a falha e o prejuízo de um dependente químico.

Seu discurso denota justamente essa carência de sentido, de vazio de significação que se denuncia em seu enredo repetitivo de uso de drogas, recaída, internação. Essa carência simbólica se reflete na passagem ao ato, sendo que a lei tem necessariamente de ser colocada desde fora, desde o outro, sendo vivida ora como retaliação e ora como catástrofe da completude perdida.

Assim, percebemos a importância da família, principalmente das figuras primárias na prevenção e no tratamento da dependência química. Tanto o exercício da função materna como o da função paterna são essenciais para um desenvolvimento sadio, sendo os pais, os responsáveis em fornecer ao filho os elementos necessários para seu crescimento e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- Bardin, Laurence. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berenstein, Isidoro. (1990). *Psicoanalisar uma família*. Buenos Aires: Paidós.
- Berenstein, I. (1991). *Família Inconsciente*. Buenos Aires: Paidós.
- Conselho nacional de saúde. (1996). *Resolução n.º 196/96, sobre pesquisa envolvendo seres humanos aprovada na 59ª reunião*. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br>> Acesso em: 15 março de 2006.
- Costa, G.P. & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferreira, P.G.M.S. (1998). Drogas da Adolescência. In Outeiral, J. (org). *Clínica Psicanalítica de crianças e adolescentes* (p.188-204). Rio de Janeiro: Revinter.
- Freud, S. (1974). *Totem e tabu*. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1913.
- Freud, S. (1974). *Resumo das obras completas*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1904.
- Griffith, E. & Lader, M. (1994). *A natureza da dependência de drogas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Halpern, S. C. (2002). *O abuso de substâncias psicoativas: repercussões no sistema familiar*. São Paulo: Pens família 3.
- Kalina, E. (1999). *Drogadicção hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre: Artmed.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- Knapp, P. (1994). *Prevenção de recaída: um manual para pessoas com problemas pelo uso de álcool e de outras drogas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lacan, J. (2002). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- Laplanche, J. & Pontalis. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes.

Neves, L. (1993). Na era do consumismo: como ficam os dependentes de drogas? *Monografia* (Trabalho de conclusão de curso), Florianópolis - SC.

Osório, L.C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

West, M.O. & PRINZ, R.J. (1987). Parental Alcoholism and Childhood Psychopathology. *Psycholog Bull* 102: 204-218.

Payá, R. (2002). Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? *Revista de Psiquiatria clínica online*, São Paulo. Disponível em <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista>> Acesso em: 20 mar. 2006.

Ramos, S. P. (1996). Da contribuição de fatores psicodinâmicos na gênese da dependência química. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.priory.com/brazil.htm>> Acesso em: 12 mar. 2006.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Vaillant, G. (1980). Natural history of male psychological healthy, VIII: Antecedents of alcoholism and “orality”. *Amer.J.Psychiatry*, 137: 181-186.

Vasconcellos, A. (2001). Drogadicção e família: um estudo das relações entre o adolescente drogadicto e seus pais. *Monografia* (Trabalho de conclusão de curso) – Curso de Psicologia. FAFIRE, Recife-PE.

Winnicott, D. W. (1978). *Textos selecionados: da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves.

Winnicott, D.W. (1982). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.